

## PCN - O ENSINO DA GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO – Brasil

Lucas dos Santos<sup>1</sup>

Sérgio Nunes<sup>2</sup>

João Ricardo Goulart Eller<sup>3</sup>

Profa. Dra. Rosemy da Silva Nascimento<sup>4</sup>

**Eixo temático:** Abordagens teóricas - metodológicas da geografia

### RESUMO

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Médio, responderam as críticas dos educadores contra um ensino enciclopédico e formalista, contra a reprodução pura e simples do conteúdo dos manuais, caracterizando pela inércia e reforçado pelos exames vestibulares tradicionais. Por outro lado, esse documento definiu aquilo que se deve esperar de um ensino voltado para a formação da cidadania. Não se trata de oferecer um ensino mais ou menos vasto de informações, mas de ensinar "a aprender e a pensar". Trata-se de desenvolver a autonomia dos estudantes, capacitando-os a atuar como sujeitos na era do conhecimento e na transformação das sociedades.

Neste sentido a Geografia escolar tem um papel ideológico, não cabendo a essa a idéia da neutralidade científica, pois se de um lado essa disciplina contribuiu para a reprodução da dominação, por outro lado, as práticas educativas demonstraram e demonstram lutas concretas dos educadores dessa área pela melhoria do ensino, principalmente o público. Para estes, o ensino de Geografia, construído pela reprodução pura e simples dos manuais, conduz a insatisfação e descomprometimento dos alunos frente à disciplina, podendo se perceber afirmações que reforçam a idéia de que a metodologia utilizada pela maioria dos professores nas escolas não tem relação com a vida cotidiana dos alunos, o que direciona a aprendizagem para repetições, impossibilitando a criação e inovação. Mostrar aos estudantes que a geografia vai além dos livros didáticos, é um papel fundamental, de tal modo, esta ciência caracteriza-se com uma ciência dinâmica, podendo transformar-se a cada dia; surgindo novas relações humanas, novos confrontos, novos acordos entre países, entre outros. Isso faz com que a geografia se renove cotidianamente, tornando-se um campo do conhecimento aberto. A partir desta perspectiva pode-se então deduzir que a geografia escolar está historicamente inserida em um

---

<sup>1</sup> Acadêmico de Geografia – Universidade Federal de Santa Catarina – lucasdoxx@hotmail.com.

<sup>2</sup> Acadêmico de Geografia – Universidade Federal de Santa Catarina – snunes.geo@gmail.com.

<sup>3</sup> Acadêmico de Geografia – Universidade Federal de Santa Catarina – joaorge@gmail.com.

<sup>4</sup> (Orientadora) Universidade Federal de Santa Catarina - Departamento de Geociências e Curso de Graduação e Pós-Graduação de Geografia, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil - rosemy.nascimento@gmail.com.

jogo dialético entre a geografia da sala de aula, a produção acadêmica, as políticas públicas e o embate público-privado. Assim, a Geografia, na proposta dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, tem um tratamento específico como área, uma vez que oferece instrumentos para compreensão e intervenção na realidade social. Por meio dela podemos compreender como diferentes sociedades interagem com a natureza na construção de seu espaço, as singularidades do lugar em que vivemos, o que o diferencia e o aproxima de outros lugares e, assim, adquirirmos uma consciência maior dos vínculos afetivos e de identidade que estabelecemos com ele. Também podemos conhecer as múltiplas relações de um lugar com outros lugares, distantes no tempo e no espaço, e perceber marcas do passado no presente.

A Geografia, assim como as demais ciências, tem na escola o compromisso de contribuir para formar cidadãos, discurso este, lido em muitos momentos, mas com muitos desafios para realizar na prática do espaço social denominado ESCOLA.

**Palavras-chave:** Parâmetros Curriculares Nacionais, Ensino Médio, Geografia, Geografia Escolar

### **Introdução**

Estudos realizados desde o ano de 1996 e, consolidados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), apontam que o ensino da geografia deve ser melhorado, tendo como objetivo, a formação do cidadão, e não somente, a reprodução de conteúdos; fato que ainda se identifica (BRASIL, 1996), não somente no Brasil, mas em vários países, como por exemplo, a França (BRABANT *in* OLIVEIRA, 1989). Ambos seguem o método enciclopédico e formalista, reproduzindo, puramente, o conteúdo disposto nos livros/manuais (BRABANT *in* OLIVEIRA, 1989 e BRASIL, 1996). A Geografia escolar, enquanto papel fundamental na formação do cidadão, deve fazer com que os indivíduos se tornem “seres pensantes”, capazes de construir competências que permitam a análise do real, expondo as causas e efeitos, a intensidade, a heterogeneidade e entender o contexto espacial dos fenômenos que configuram cada sociedade (BRASIL, 1996), assim como, exercerem a cidadania (BRABANT *in* OLIVEIRA, 1989).

Neste sentido, o PCN vem apresentar um novo direcionamento para educação, servindo de subsídio para os profissionais da área, a fim de tornar o conhecimento da geografia, um conhecimento popular (BRASIL, 1996 e MOREIRA, 1982), onde as pessoas possam aprender, não somente nos bancos escolares, mas no próprio cotidiano (MOREIRA, 1982).

Tendo em vista a elaboração deste trabalho, buscou-se o uma metodologia com base na pesquisa exploratória, contendo a análise do PCN vigente, assim como referências que abordam o ensino da geografia, com o objetivo de estabelecer uma comparação entre a forma com que a geografia foi conduzida durante décadas e as novas propostas. Propostas estas, inovadoras, cujos estudos e discussões iniciaram somente no ano de 1996, possibilitando a construção de um novo currículo, cuja perspectiva é, o desenvolvimento de competências que possibilitem o exercício da cidadania (BRASIL, 1996).

### **Do ensino pretérito a proposta para o ensino inovador**

A história do ensino no Brasil passou por várias fases, conforme a influência que cada período sofreu. O forte influxo do regime republicano positivista, exercido no início do século XX, reorganizou o ensino em áreas de conhecimento, tendo por finalidade educacional, a formação moral e cultural, onde o caráter assumido era elitista, privilegiando a burguesia brasileira (BRASIL, 1996). Com a instauração do lema positivista “ordem e progresso”, as escolas tentaram “superar” o atraso no ensino, como se dizia naquela época. Entretanto, não houve o cuidado necessário com a qualidade do ensino, desfavorecendo inúmeras áreas do conhecimento (BRASIL, 1996). Neste período a geografia assume o aspecto voltado ao homem, não com a preocupação em formar um ser pensante, mas de compreender este ser, o explorando em suas vertentes. A geografia, enquanto ciência natural atuou como indutora de transformações sociais e econômicas, “idealizando e construindo mecanismos de controle da natureza”, das sociedades capitalistas, na política e no meio industrial (BRASIL, 1996). Com a influência do campo positivista, a geografia transfere para o campo da cultura, os mesmos pressupostos que se aplicavam aos estudos da natureza (BRASIL, 1996).

A chegada de teóricos, como Marx e Engels, enriqueceu os debates nas áreas das Ciências Humanas, visando “dotar os homens de instrumentais de controle sobre a vida em sociedade, na perspectiva de direcionar a própria história” (BRASIL, 1996). Contudo, a crise de confiança, proveniente dos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial e, pelas crises econômicas originadas a partir dela, alavancando a fragmentação dos estudos. Todavia, os profissionais atuantes na área das ciências humanas, passaram apoiar-se nos demais conhecimentos das ciências humanas, dando início a diversas e inovadoras abordagens, como a: Geohistória, Geografia Econômica, a Sociolinguística, entre outras; alcançando prestígio por entre a sociedade e, levando inúmeros pesquisadores a ocuparem postos-chave na vida pública, em diversas partes do mundo (BRASIL, 1996).

No Brasil, entretanto, o anos de governo com regime autoritarista, ou seja, pós 1964 tornaram as ciências humanas, uma ciência suspeita, ou seja, que pudesse causar problemas ao governo, como por exemplo, uma efervescência social, e a baniram do ensino fundamental, sendo estas “diluídas” em uma matéria que foi denominada de “Estudos Sociais”, composto pelas matérias de Geografia, História, entre outras. Desta forma, o ensino da geografia tornou-se precário por não ofertar uma base sólida aos estudantes, prejudicando também o ensino médio, onde a geografia sobreviveu não mais com caráter formativo, entretanto, como “função patriótica”. O estudante não tem mais autonomia para pensar, havia, por parte de governo, certo receio em que esta ciência fizesse dos aprendizes, seres revoltados (revolucionários) (BRASIL, 1996 e BRABANT in OLIVEIRA, 1989). O engessamento imposto para no ensino da geografia o tornou enciclopédico, não restringindo somente a geografia, mas a muitas matérias. Segundo Brabant in Oliveira (1989), *“o enciclopedismo na geografia, contribuiu para a abstração crescente no discurso geográfico”*, concomitante, *“alimentou o tédio das gerações”* de estudantes que passaram a classificar a geografia como matéria de memorização. No decorrer do discurso, Brabant in Oliveira (1989) nos afirma que este “fenômeno enciclopédico”, assolou a geografia de tal modo a despolitizá-la. A despolitização foi reforçada pela adoção de características da escola geográfica francesa, marcada pelo estudo da região, assumindo um papel de máscara ideológica que apagava as realidades concretas e deslocando a consciência política e social, tanto dos professores, quanto dos seus aprendizes, tornando-os incapazes de compreender corretamente os grandes enfrentamentos do mundo. Neste sentido, a geografia torna-se vítima de um duplo processo de crise ligada ao seu conteúdo e ao seu lugar na instituição escolar em via de reestruturação, pode-se dizer inclusive, que esta crise da geografia na escola, resume-se na crise de sua finalidade, tornando-se marginalizada neste processo de adequação às vontades do governo e por este motivo, minada por sua momentânea *“incapacidade de conta das lutas onde o espaço está em jogo”* (BRABANT in OLIVEIRA, 1989).

Tendo em vista estes enfrentamentos passados, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), promulgada em 20 de Dezembro de 1996, tem por finalidade da educação *“o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”* (Art. 2º) e para o Ensino Médio, *“a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos”; “a preparação básica para o trabalho e a cidadania”; “o aprimoramento como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”; e “a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos”* (Art. 35). Além disso, a LDB assume a retomada e a atualização da educação de cunho humanista, prevendo uma organização escolar e curricular

que preze os princípios estéticos, políticos e éticos, dando assim, um novo sentido ao ensino (BRASIL, 1996).

De certa forma, a crise ajudou a enriquecer o conhecimento geográfico, pois foi por meio dela que impulsionou pensar em uma nova relação entre a teoria e a prática da geografia, deixando para trás o “saber neutro”, o ensino focado nas paisagens como espetáculo e o ensino conteudístico. A prática da geografia buscou basear-se na análise crítica da construção do conhecimento e da metodologia, onde os instrumentos adotados fossem capazes de responder às questões postas por esta ciência para a formação do cidadão, não permitindo que ele submergisse à voracidade das transformações ocorridas no Brasil e no Mundo. A geografia passa ter um novo significado frente à revolução técnico-científica, pela globalização da economia (uma nova ordem mundial, novos conflitos, novas tensões, crise de estados nação, formação de novos blocos econômicos, desterritorialização...) e pelos problemas ambientais. A geografia agora passa ser vista como ciência social, pensando e estabelecendo uma conexão de fenômenos, na ligação entre o sujeito humano e os objetos de seu interesse, onde se faz necessário uma contextualização (BRASIL, 1996).

Com este novo olhar geográfico, foi imprescindível abandonar a geografia puramente descritiva e de memorização da “terra e o homem”, onde se dava importância às informações sobrepostas do relevo, clima, entre tantos. Na busca pela compreensão das relações econômicas, políticas, sociais e suas práticas nas escalas local, regional e global, a geografia concentra-se e contribui para com a realidade para pensar o espaço enquanto uma totalidade na qual se passam todas as relações cotidianas e estabelecem as redes sociais nas escalas supracitadas. A antiga idéia, da terra enquanto espaço absoluto, cartesiano, muito aceito e praticado em sala de aula ainda hoje, precisa ser renovado a cada dia, dando total abertura à ideia do espaço relacional, onde um objeto somente pode existir na medida em que ele contém e representa, dentro de si, relações com outros objetos (BRASIL, 1996).

A proposta do PCN para a geografia no ensino fundamental é a “alfabetização geográfica” do estudante, capacitando-o de modo manipular e interpretar os assuntos referentes a este nível. Já o ensino médio, o estudante deve construir competências que permitam a análise do real, mostrando suas causas e efeitos, intensidade, heterogeneidade e o contexto espacial dos fenômenos que configuram cada sociedade. O ensino médio deve servir para a ampliação das possibilidades de um conhecimento estruturado e mediado pela unidade de ensino, a escola, e que conduza à autonomia necessária para o cidadão. Para que isto se concretize, o PCN orienta que sejam seguidos três princípios filosóficos da concepção curricular: princípios estéticos, políticos e éticos; a geografia contribui nesta formação, proporcionando ao

estudante orientações ligadas ao espaço, reconhecendo não somente sociedade-natureza, mas as inter-relações existentes; reconhecendo as contradições e conflitos econômicos, sociais e culturais, avaliando a qualidade de vida da população e a exploração de recursos; tornando o sujeito, processo do ensino aprendizagem em âmbito local, regional, nacional e global. Assim como, favorecendo a identidade do cidadão e esclarecendo da sua responsabilidade através da sua identidade cultural (BRASIL, 1996).

A geografia em si, já nasceu como um saber interdisciplinar, e abandonou a algumas décadas, a posição de construir uma ciência sintética, que almejava explicar o mundo sozinha. Faz-se necessário ir além dos limites conceituais, buscando interatividade com outras ciências, sem perder sua identidade. Sendo assim, o ideal é que a geografia articule de forma interdisciplinar com as demais ciências e incorporando conhecimentos quando necessário.

### **Conceitos**

Para que se construa um conhecimento sólido acerca da ciência em debate, é preciso que se faça a escolha de um corpo conceitual e metodológico que satisfaça os objetivos apontados anteriormente. Para que isto aconteça, a geografia usa de conceitos-chave capazes de realizar uma análise científica do espaço e suas inter-relações, de modo a compreender as concepções de mundo de forma globalizante e como resultado da dinâmica e transformação das sociedades (BRASIL, 1996).

Os conceitos escolhidos pela geografia para que sejam explicadas as concepções geográficas são: Paisagem, lugar, território e territorialidade, escala e, por último, Globalização técnica e redes. No conceito paisagens, deve-se abordar a visão espacial alcançada, o caráter social, o homem e seus movimentos através do trabalho, cultura, emoção, os sentidos formais e informais da vida social, seja ele com maior ou menos complexidade. Compreendido este conceito, já estamos mergulhando na essência do fenômeno geográfico. Quando abordamos lugar, temos que ter em mente a dimensão prático-sensível. Lugar é uma porção de espaço apropriado para a vida, vivido, reconhecido e que a partir dele criamos identidade. É nele que se cria a cidadania, entende-se conflitos, dominações e resistências. É nele que se revela as transformações de mundo, sob uma ótica do cotidiano, do banal e do familiar, servindo de referência para identificar e explicar a vida social. No eixo território e territorialidade, enquanto espaço definido e delimitado por e a partir das relações de poder, podemos explicar e entender a influencia da economia, da divisão social do trabalho, dos agentes sociais e políticos que interferem na gestão do espaço geográfico, não apenas numa ótica cartográfica, mas sob uma

dimensão concreta desde agentes. Quanto à escala, ela é um instrumento cartográfico e geográfico, sendo o destaque da primeira, o mapa, onde conseguimos representar lugares, tendo forte vínculo com a matemática. Já a escala geográfica, faz menção aos fenômenos ligados à cidadania, operando em âmbito local, regional, nacional ou global. Portanto, “*escala é uma estratégia de apreensão da realidade*”, sendo importante sua compreensão, principalmente para a articulação dos fenômenos. E, globalização, técnica e redes, vem trazer a interconexão de lugares em tempo simultâneo, gerado pela comunicação, informação, troca de mercadorias ideias, entre outros, em ritmo acelerado. Neste processo, criou-se uma rede de técnicas para melhor atender à globalização. Inclui-se aqui as indústrias culturais, a ação de empresas multinacionais a circulação de capital e a intensificação a relações sociais, independente da distância. No que se refere à técnica, vale ressaltar ainda a importância da compreensão do papel das inovações tecnológicas frente à organização social no trabalho e consumo, que criam novos arranjos na sociedade (BRASIL, 1996).

### **Competências e habilidades a serem desenvolvidas no ensino médio**

Não devemos ver este conjunto de conceitos-chave como uma ‘receita’, mas como um elemento norteador para o conhecimento geográfico.

#### Representação e comunicação

- O estudante deverá dominar as técnicas de leitura e interpretações dos códigos que acompanham a geografia, são eles: Mapas, gráficos, tabelas; considerando e reconhecendo os elementos que o envolvem, como por exemplo, a aplicação e uso das escalas cartográficas e geográficas e a distribuição e frequência dos fenômenos naturais e humanos (BRASIL, 1996).

#### Investigação e compreensão

- Reconhecer os fenômenos espaciais a partir de comparações e interpretações, com objetivo de identificar as características de cada lugar e de suas adjacências, selecionando esquemas de investigação que desenvolvam observação e incorporando técnicas, seja ela para análise ou comparação da dinâmica mundial, da degradação ambiental ou ainda dos fenômenos culturais, políticos e sociais que incidem na natureza em suas diversas escalas geográficas (BRASIL, 1996).

## Contextualização sócio cultural

- Deve-se reconhecer as formas visíveis e concretas do espaço geográfico atual e sua essência, seja em comparação ao processo histórico, ou com o processo contemporâneo, compreendendo e aplicando no cotidiano os conceitos básicos da geografia, identificando, analisando e avaliando os impactos das transformações naturais, sociais, culturais, políticas e econômicas no seu “lugar no mundo”, em comparação e análise à densidade das relações e transformações que tornam concreta e vivida a realidade (BRASIL, 1996).

## Considerações finais

A geografia é uma ciência popular e está presente no cotidiano. O que pode estar por trás de tamanha popularidade é o fato de fazer parte da vida humana, uma vez que os temas geográficos nos acompanham, estão intrínsecos no cotidiano das pessoas. Não é necessário ir a uma instituição de ensino para comungar geografia, nós a aprendemos por força do nosso próprio cotidiano.

Moreira (1982) usa um exemplo muito interessante, ao falar que todos nós moramos em um lugar; nossos parentes e amigos moram em outro lugar. Estes diferentes locais estão ligados por ruas, estradas, avenidas; onde existem pessoas, objetos e ideias que fluem entre estes locais, “entrecruzando-se através das artérias que os põe em comunicação. Dos diferentes locais, podemos extrair diferentes recursos, intercambiados por diferentes homens, que têm necessidades diferentes. Esta combinação de lugares e suas necessidades, resulta em uma unidade de espaço. A inter-relação de outras unidades de espaço, resulta uma grande rede, uma rede mundial. Sendo assim, podemos dizer que a geografia é um discurso global e um saber vivido e aprendido pela própria vivência e é por este motivo que ela é tão nítida no cotidiano e, também por este motivo, que devemos torná-la em sala ainda mais prazerosa, para que os estudantes tornem-se ainda mais ligados à ela e sintam-se pertencentes à ela. A partir do momento em que os todos (ou a maior parte dos) estudantes entenderem o importante papel da geografia no seu cotidiano, se apropriarão ainda mais dos conhecimentos elaborados em sala e colocarão em prática. Portanto, o ideal é que a geografia torne-se cada vez mais popular.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC – Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**, 1996. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>. Acesso em? 30/11/2012.

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org.). **Para onde vai o ensino da geografia?: Crise da geografia, crise da escola**. São Paulo: Contexto, 1989.